

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: O ENCONTRO POÉTICO ENTRE LOBIVAR MATOS E MANOEL DE BARROS

Susylene Dias de Araújo (UEMS/UEL)

Resumo: Este artigo tem o objetivo principal de promover um encontro poético como representação de um reencontro da vida. Lobivar Matos e Manoel de Barros foram amigos na infância vivida pelos espaços da branca cidade de Corumbá, e embora de famílias diferentes, receberam o sobrenome Barros em seus registros de nascimento: um datado de 1915 e o outro de 1916. Lobivar, o mais velho, teve sua vida abreviada aos 32 anos de idade, Manoel continua entre nós. Assim, evocar a memória da infância aqui reinventada pela poesia de ambos é desafiar alguns limites da própria existência. Nos caminhos trilhados pelos estudos da crítica biográfica, em sua natureza compósita, a vida e a obra destes poetas serão ilustradas em algumas de suas experiências. Palavras-chave: Lobivar Matos, Manoel de Barros, memórias.

Abstract: This article aims to promote a poetic meeting with the representation of a rejoining of life. Lobivar Matos and Manoel de Barros were childhood friends who lived in the neighborhoods of the white soil city of Corumbá and, even being from different families, they received the surname Barros in their birth certificates: one dated from 1915 and the other from 1916. Lobivar, the oldest, had his life shortened when he was only 32 years old, Manoel remains within us. Thus, evoking the memory of the childhood here reinvented by their poetry means to challenge some limits of existence itself. In the paths used by the studies from biographic critics, in its composed nature, these poets' life and work will be illustrated in some of their experiences.

KEYWORDS: Lobivar Matos, Manoel de Barros, memories.

INTRODUÇÃO

As *Pequenas Memórias*, escritas por José Saramago e publicadas em 2006 trazem no espaço acima da ficha catalográfica do livro, uma advertência ao leitor. Nesta pequena recomendação, ficamos sabendo que os personagens e situações da obra em questão são reais apenas no universo da ficção; não se referem, portanto, a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião. O recado seria totalmente pertinente, como é em outras obras ficcionais assinadas pelo autor, não fosse o título apresentar as memórias como ponto de partida, e no caso específico, as pequenas memórias, as memórias pequenas de quando ele próprio fora pequeno, simplesmente. Sabemos que em se tratando de texto memorialístico, as ligações metafóricas entre a ficção e o fato constituem-se como fios do discurso elaborado que tendem a se cruzar em pontos onde se confundem cores e texturas que se alternam no tear daquele que se põem a tal tessitura. Acreditamos que com José Saramago não tenha sido diferente.

Sem advertências ao leitor, nos apresentamos pela ousadia de tentar reconstruir, pelo viés da memória, um encontro como representação de um reencontro da vida. Lobivar Matos e Manoel de Barros foram amigos na infância vivida pelos espaços da branca cidade de Corumbá

e esta amizade se prolongou em outros espaços comuns aos poetas, como na passagem de ambos pelo Rio de Janeiro na distante década de 1930. Embora de famílias diferentes, receberam o sobrenome Barros em seus registros de nascimento: um datado de 1915 e o outro de 1917. Lobivar, o mais velho, teve sua vida abreviada aos 32 anos de idade, Manoel continua entre nós. Assim, resta-nos esclarecer que nossa intenção de evocar a infância aqui reinventada pela poesia de ambos não significa ressuscitar o passado, mas evocá-lo em nome de uma narrativa que se constrói num tempo desestabilizador.

ALGUNS DESAFIOS DA MEMÓRIA

O poder da memória é inegável. No entanto alguns desafios se impõem ao exercício desta autonomia. A memória, posicionada entre a dicotomia do lembrar e esquecer só alcança o apaziguamento entre seus sentidos opostos quando se volta para o futuro. Construir um texto a partir de memórias alheias significa então recorrer ao arquivo, assumindo momentaneamente, o papel do *Arconte*, para tomar o lugar do começo e a função do comando já que "todo arquivo é ao mesmo tempo instituidor e conservador. Revolucionário e tradicional." (Derrida, p. 17) Na esteira de Derrida, que tomado por um Mal de Arquivo se dispõem a escrever uma impressão Freudiana, assumimos as memórias de dois poetas que se aproximam e se repelem ao longo do tempo com a consciência da perturbação dicotômica de um conceito em constante deslocamento, "já que não sabemos muito bem o que dizemos quando dizemos arquivo", (Derrida, p.118) venha nos trazer ao lugar da "falta originária e estrutural" (Derrida, p. 22) destas mesmas memórias que aqui apresentamos. Recorrer às passagens que confirmam o encontro entre Matos e Barros nos faz refletir que ao conceito de arquivo cabe mais uma apresentação do que uma definição: [...] desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia de retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. (Derrida, p. 118)

Assim, sentindo a perturbação de um arquivo que aqui se "anarquiva" e se "desarquiva" nossa intenção rompe os limites, as fronteiras, e as distinções entre Lobivar e Manoel e para que este encontro seja sacudido por um sismo que não poupa nenhum conceito classificatório e nenhuma organização do arquivo. Com a leitura de um pelo outro, como se então se pretende, "a ordem não está mais garantida". (Derrida, p. 15)

A APRESENTAÇÃO DOS POETAS

Seria muito convencional reservar um espaço deste estudo para a apresentação de Lobivar Matos e de Manoel de Barros como quem tenta escrever uma micro biografia que caiba em um parágrafo, ou ainda poderia até nos causar certo estranhamento a tarefa de apresentar pessoas com as quais nunca travamos qualquer espécie de tratamento pessoal. Em verdade Lobivar e Manoel não são totalmente desconhecidos de nosso convívio. Assim como alguns pesquisadores e estudiosos do conjunto da obra lobivariana e manoelina, estes autores estão próximos de nossas relações pela palavra que os representa e que nos une.

Ainda pela palavra, pretendemos recuperar o momento em que Lobivar, no exercício crítico, em 1936 apresenta Manoel como um novo poeta que surge, e na seqüência confirmar os laços desta apresentação por palavras escritas por Manoel em 2007, retiradas de uma carta que aqui apresentaremos. Assim, recorrendo ao arquivo, teremos Manoel de Barros segundo Lobivar Matos e Lobivar por Manoel de Barros conforme o que se enuncia.

Ao relatar a *synthese* do movimento intelectual mato-grossense no *Anuario Brasileiro de Literatura*, (conforme escrita do original), no Rio de Janeiro em 1937, Lobivar apontava, com entusiasmo, o destino da nova geração de poetas. Partindo de uma reflexão sobre a gente nova do Brasil, cansada de dietas impostas e de estímulos falsos para viver, o jovem poeta chega à situação específica de seu Estado, o Mato Grosso dos anos 30, para denunciar o que seria em sua opinião uma mistificação sensacionalista em torno das características do lugar, tomado para muitos em teias de mistério, pelo terror e pela selvageria. Dando destaque a diversidade apresentada pelas diferentes regiões do Estado, Lobivar chega a antecipar a separação de Mato Grosso, tamanho o seu potencial político e intelectual. E no contexto da nova geração de poetas, que se destacavam por arejar a linguagem regionalista e egoísta, embasada num sentimentalismo piegas, Lobivar anuncia o surgimento do modernismo no sul de Mato Grosso, um movimento livre e fecundo:

os novíssimos representantes do sul. [...] tomarão seus lugares com mais elasticidade e sem a influência dos velhos que desaparecem. O sul de Mato Grosso, não dou muitos anos, tornar-se-á o maior centro intelectual do Estado. Tudo indica e nos leva a fazer esse prognóstico, mal grado o espanto de alguns intelectuais nordestas, que costumam dizer, quando aparece um novo: - "não é da índole do sul, etc., produzir poetas e escritores...".

Fazemos esta referência para melhor compreendermos as expectativas de Lobivar criadas pela apresentação do talentoso Manoel Wenceslau Leite de Barros, de acordo com o que temos em seguida:

Dentro em breve começarão a parecer por aqui os livros da geração moderna mato-grossense. [...] Manoel Wenceslau Leite de Barros, ou Nequinho na intimidade, também nos promete para 1937 um volume de poemas - "Muxirúm". Poeta originalíssimo: / "aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem."/ Esse o estilo do poeta de "Muxirúm". O sofrimento humano, os anseios e as revoltas surdas dos que sofrem inundam seus poemas.

Estava certo o poeta ao apresentar o amigo. No ano de 1937 o "Muxirúm" deu lugar Aos poemas concebidos sem pecado e 70 anos depois o Mato Grosso do Sul se orgulha por ser representado por um dos maiores poetas da literatura brasileira, Manoel de Barros, um homem das letras que dos alto de seus 90 anos, recluso, sem muitas aparições públicas, ainda reserva parte do tempo para responder correspondências. No dia 04 de outubro de 2007 tivemos a oportunidade de lhe enviar uma carta, transcrita abaixo.

Campo Grande, 04 de Outubro de 2007.

Caro e admirado Manoel de Barros,

nunca pensei que escrever tão poucas linhas pudesse ser tarefa de tamanha dificuldade. O que acontece é que as minhas palavras nunca ostentaram a tão alto destino: no caso, as suas mãos de artista.

Meu nome é Susylene Dias de Araújo, sou professora universitária no Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, tenho 33 anos, e desde 1999 venho estudando a vida e a obra do poeta Lobivar Matos. Corumbaense como eu, Lobivar foi assunto de minha dissertação de mestrado, *Um Leitor para Lobivar Matos - o Areôtorare nos Sarobás de Miséria e Sol* e hoje é assunto de minha tese de Doutorado desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina no Paraná.

Sou muito grata a este nome, Lobivar Matos, um homem que em 1937, em uma de suas idas ao Rio de Janeiro corajosamente declarava no Anuário Brasileiro de Literatura a *Synthese* do movimento intelectual mattogrossense, o surgimento de Manoel Wenceslau Leite de Barros, ou Nequinho na intimidade, conforme se segue:

Manoel Leite de Barros, ou Nequinho na intimidade, também nos promete para 1937 um volume de poemas – “Muxirúm”. Poeta originalíssimo.

“aquelle morro bem que entorta a bunda da paisagem”

Esse o estylo do poeta de “Muxirúm”. O sofrimento humano, os anseios e as revoltas surdas dos que sofrem inundam seus poemas.

Outros poetas, romancistas e *conteurs* boróros surgirão depois. [...]

Espero que estas palavras de Lobito, aqui transcritas tenham trazido algumas cenas passadas, de volta à sua memória. Suas memórias inventadas me conquistaram e como parte de meu trabalho de pesquisa, estou escrevendo um artigo, ainda em fase inicial, que pretende promover também pelas vias da memória o encontro poético entre dois amigos. Dei o seguinte título ao artigo: Memórias da infância: um encontro poético entre Lobivar Matos e Manoel de Barros e por este estudo ainda me debruçarei por alguns dias. Finalizo então, estas poucas linhas com uma ousada solicitação. Se lhe for possível responder, gostaria que suas palavras iluminassem o artigo aqui referido, com algumas declarações sobre este encontro. Fico imaginando como teria sido a vida dos meninos poetas da branca cidade de Corumbá.... Penso em cenas que só as suas palavras podem confirmar, afinal, infelizmente, Lobivar não está mais entre nós. Desde já agradeço pela leitura de minhas despoetizadas palavras.

SUSYLENE DIAS DE ARAUJO

Surpreendentemente, a resposta não foi tardia. Alguns dias depois, um manuscrito (na página seguinte) do próprio poeta nos foi entregue e dele nos valem para que Lobivar Matos seja apresentado pelo afeto da amizade de Manoel de Barros. Realmente não há um parentesco biológico que os afilie, mas pelo que observamos transparece o traço da amizade, a *phília*. Lobivar, registrado Lobivar Matos de Barros abrevia sua assinatura poética para a simplificação de Lobivar Matos e o Manoel Wenceslau Leite de Barros, o Nequinho das primeiras obras torna-se o conhecido poeta Manoel de Barros de nossos dias.

O TEMPO DA INFÂNCIA E O LUGAR DA POESIA

Em 1936, Lobivar Matos publica *Areôtorare*, seu primeiro livro de poemas. Um ano depois, em 1937, Manoel traz ao conhecimento do leitor sua já mencionada autobiografia poética intitulada *Poemas Concebidos Sem Pecado*. A partir desta informação da estréia dos poetas, temos a imagem de dois jovens aventurando-se pelo cenário intelectual do Rio de Janeiro dos anos de 1930 na tentativa de conseguir o aval de um selo editorial em suas obras. Além dessa semelhança marcada pelo deslocamento do artista que sai de seu local de origem para ampliar suas expectativas, o que chama atenção na trajetória de ambos é que embora distantes dos espaços limitados pelo tempo da infância vivida Matos e Barros conseguem reconstruí-los como memória em poesia. Uma reflexão sobre o tempo da infância vivida por Matos e Barros poderia se iniciar pelo registro de linhas que ilustram algumas passagens de seus livros de estréia, publicados em datas muito próximas e escolhidos como recorte de nossa pesquisa.

Campos Gerais, 16-10-2007.
Querida amiga
Susylene,
Obrigado pelas boas palavras da
sua carta. Acho que foi mesmo algum
reclamo a você sobre o Lobivar - cujo
apelido não era Lobato mas Lolito.
O que sei da vida do Lobivar é quase
nada. Mas estou certo que sobre a pequena
obra que você sabe tudo, deu de mais o
Lolito publicou 2 livros - os quais você
comparou a com os quais teria organizado
a sua tese. De minha parte acho que a
linguagem do poeta é que importa. E se
estão, as duas partes cabem em um. Isso
você tem. Sobre a vida do Lolito não posso
saber. Sei que tinha que se chamar Bolívar
em homenagem ao herói boliviano. Mas
não temo algum do além de fazer a men-
ção dele no 1º capítulo do registro o nome
do Lobivar em vez de Bolívar. Parece
importante a vida do poeta para um leitor
sobre o seu obra. Acho importante o que o
poeta escreva. Para mim não. Lobivar foi
meu amigo até uma semana antes de sua
morte. Parece engraçado que eu
Manoel de Barros.

Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho
bem diferente de Iracema
desandando pouquíssima poesia
o que desculpa a insuficiência do canto
mas explica sua vida
que juro ser o essencial

- Vai desremelar esse olho, menino!
- Vai cortar esse cabelão, menino!
Eram os gritos de Nhanhá.
(BARROS, p. 09)

Este é o primeiro poema de Cabeludinho, parte inicial das quatro temáticas em que se dividem os Poemas Concebidos sem pecado. Neste poema, o poeta retrata o seu nascimento, embalado por um canto diferente daquele que embalara o surgimento da Iracema de Alencar e nem por isso menos essencial para sua existência com o avançar dos anos, acalentada pela voz de Nanhá a lhe cobrar boas maneiras de se comportar. Lobivar, no entanto, no primeiro poema de Areôtorare, seu livro de estréia, intitulado *Destino do Poeta Desconhecido*, não fala de seu nascimento, mas vislumbra no futuro a sina de quem nascera para a poesia:

Eu sou o poeta desconhecido (...)
Trago comigo, a minha alma presa,
A inútil esperança da vitória
A bondade de minha gente
Fulgura, cintilante nos meus feitos,
Rola estuante de harmonia, nos meus gestos
E floresce, orvalhada de luz, nas minhas atitudes.

Busco sem cessar, dia e noite,
Numa luta generosa e boa,
Luz para a razão, pasto para a inteligência.

Eu sou o poeta desconhecido.
Não sei o destino que me espera,

Porque sou o próprio destino.
(MATOS, 9-11)

Devidamente apresentados, passaremos então a um pequeno “mapeamento” do encontro entre os poetas. Esta aproximação acontece essencialmente pelos espaços reproduzidos em seus livros de estréia e pela configuração dos tipos que passeiam por seus poemas. Para Manoel, o Rio Paraguai é lembrado como um cartão postal da cidade, justamente no momento em que suas memórias da infância o remetem à *Cacimba da Saúde*, lugar para se chegar fugindo do cansaço. / Aberta na grande pedra da cidade...// De águas milagrosas// Cheinhas de sapo// Lá// a gente matávamos bentevis a soco/. (p.57) Lobivar Matos também se utiliza desta recorrência, com a diferença de que a imagem que fica é marcada pela enchente, o que traz horror ao poeta: / E o Rio Paraguai – o monstro horrível –//Cresce e se avoluma//Abraça a terra e a esmaga//Ao contato do seu corpo de mostro./ (p. 61-2)

No que se refere aos personagens lembrados, figuras comuns, retratadas a carvão pela lente do menino Manoel de Barros encontramos Polina, Sabastião e Raphael entre outros. Seres que confundem com as Lavadeiras e com o Pequeno Engraxate de Lobivar Matos. Polina, que aos 8 anos não sabia dizer Paulina, mas que já havia sofrido o suficiente, Sabastião, o amigo um pouco louco a perguntar se jacaré no seco anda, e ainda o Raphael, nem anjo nem pintor, só um menino do mato sem importância, nomes e rostos que também poderiam pertencer às Lavadeiras das casinhas de madeira, remendadas de lata, ou o Pequeno Engraxate rindo pela rua torta com as mãozinhas pretas e um sorriso de alegria por trabalhar bastante pra ganhar dinheiro quando focalizados pelas lentes do menino Lobivar em suas caminhadas pelo Porto Geral na cidade de Corumbá.

Como podemos perceber retratar a infância de Lobivar Matos ou de Manoel de Barros, por intermédio da poesia não significa apenas recuperar brincadeiras de meninos. Para estes nomes, a infância, motivação da poesia, foi permeada por um montante gigantesco da percepção do humano ao optar pela fantasia. Só assim a crueldade desumana de algumas misérias que poderiam ser esquecidas se transforma em arte e se prolonga sem dor ao longo dos dias.

DESDOBRAMENTOS

Em outubro de 1947, vitimado por uma úlcera que fazia com o fígado não parasse de doer, Lobivar veio a falecer. Com a vida interrompida aos 32 anos de idade, suas memórias autobiográficas não foram escritas. O poema Sol, talvez um de seus últimos escritos, pode fazer com que o próprio poeta confesse o sentimento que a aproximação da morte e a doença lhe traziam:

A manhã estava pra lá de bonita
E eu contentíssimo
porque o fígado me deixara dormir
sossegado,
sem gemer.
Abri a janela do quarto
e o sol mais quente e mais barato
do mundo
me assanhou os instintos.

Escrever memórias, no entanto, hoje é condição de apenas um dos amigos. Manoel de Barros graças à longevidade e a lucidez que lhe acariciam, em uma de suas raras entrevistas concedidas, resume como estas lhe são concebidas:

A um editor que me sugeriu que escrevesse um livro de memórias eu respondi que só tinha memória infantil. O editor me sugeriu que fizesse memória infantil, da juventude e outra da velhice. Estou escrevendo agora minhas memórias infantis da velhice.

Apreendi com meu filho quando ele tinha 5 anos que a linguagem das crianças funciona melhor para a poesia. Meu filho falou um dia: "Eu conheço o sabiá pela cor do canto dele". Mas o canto não tem cor! Aí veio o Aristóteles e lembrou: "É o impossível verossímil". Pois não tem disso a poesia?

Assim, no ano de 2003, Manoel brinda seus leitores com suas *Memórias Inventadas a infância* e em 2006, recebemos suas *Memórias Inventadas, a segunda infância*. Ansiosamente esperamos pela terceira parte dessa infância prolongada, as Memórias de Manoel de Barros, ainda que inventadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. Poemas Concebidos sem pecado. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BARROS, Memórias Inventadas A Infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Memórias inventadas A Segunda Infância. São Paulo: Planeta, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MATOS, Lobivar. Areôtorare Poemas Boróros. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- MATOS, Lobivar. Sarobá. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.
- SARAMAGO, José. As pequenas memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TRÊS momentos de um gênio. *Caros Amigos*, São Paulo, ano X, n.117, p. 29-33, Dez. 2006.